

CINZAS

PÓ

E

MAR

DIOGO DIVAGAÇÕES

CINZAS, PÓ E MAR

DIOGO DIVAGAÇÕES

CINZAS, PÓ E MAR

Diogo Divagações

ISBN

978-989-34-0061-6

**DIOGO
DIVAGAÇÕES**

funchal.pt
M U N I C Í P I O

ESTÚDIO DE
CRIAÇÃO
ARTÍSTICA

NOTA DO AUTOR

Cheguei à ilha antes de saber exactamente o que procurava e talvez por isso tenha começado simplesmente por caminhar, ouvir e deixar que o lugar se fosse aproximando. Havia o mar, evidentemente, mas havia também as montanhas a interromper o olhar, as estradas que subiam para voltar a descer, as pessoas que tinham partido, as que tinham regressado e as que nunca tinham saído. Aos poucos fui percebendo que ali a distância tinha outras medidas e que uma ilha não termina necessariamente onde começa o mar.

Cinzas, Pó e Mar nasceu desse tempo de permanência, de escuta e de encontro. Fui gravando sons, escrevendo, conversando com pessoas que não conhecia e deixando que aquilo que encontrava alterasse a ideia inicial do trabalho. Depois chegaram outras vozes. Nas oficinas, a escrita partiu de questões simples sobre pertença, solidão, saudade, partida, memória e regresso, e cada pessoa respondeu a partir do seu próprio lugar.

Este livro guarda essas diferenças. Há aqui textos meus e textos de pessoas que encontrei durante o processo, e nunca me interessou transformar essas experiências numa única voz ou numa ideia fechada sobre a ilha. Interessou-me perceber o que acontecia quando palavras, memórias e maneiras diferentes de estar se encontravam no mesmo espaço e começavam, de alguma forma, a tocar-se.

Com o tempo, também o mar deixou de ser apenas paisagem. Tornou-se distância e passagem, memória e possibilidade de regresso, uma coisa que separa enquanto liga. Quando cheguei à Madeira pensava muito em partir. Quando parti, percebi que estava a pensar no que fica.

Este livro permanece nesse intervalo.

Diogo Divagações

2026

I. ILHA

Diogo Divagações

Sobe

até que o céu seja planície
no teu olhar

Esqueço que sei tocar o infinito
e por trás desse muro de segredos
resido ainda
na esperança que sem súplica se enaltece

Sobe

desaba por fim na permanência
do sempre ao eterno -
o que importa são passos dados

Diogo Divagações

Como um sonho
acordado
suplanta-se a imaginação
Corre o vento que traz a maresia
de frente com a montanha e a dimensão
em tamanho de infinito
O tempo impresso nas encostas
sedimentação milenar
ofusca a imaginação
que é parca ao competir com o real
A realidade supera sempre a ficção
voa o resto da onda que embate no pontão
para o lado de onde brota a água do vulcão
É notória a dimensão da beleza
de forças colidirem
Natureza
esse lembrete da minha ínfima potência

Ana Oliveira

Ser ilhéu

Ser ilhéu é carregar o sal nas veias e o vento no peito.

É acordar com o rumor do mar, que nunca dorme, e adormecer sob um céu

vasto, onde o azul parece não ter fim...

Ser ilhéu é saber-se pequeno diante da imensidão, mas inteiro porque o mar,

mesmo bravo, abraça quem o respeita.

Na estrada que beija o mar, sigo o rumo moldado pelo vento e sal e grito a sete

ventos: ser ilhéu é ter o horizonte por vizinho e a alma feita de marés!

Viver na Madeira é abraçar a beleza crua da natureza, é sentir-se parte de algo

maior, onde o orgulho de pertencer se mistura com a sensação de estar em

casa.

Cada pôr do sol, um agradecimento silencioso pela dádiva de viver aqui.

É uma terra que não apenas acolhe, mas também transforma, nos ensinando a

beleza da simplicidade e a grandiosidade do ser.

Diogo Divagações

Levantar o olhar, lá ao longe ver o mar,
invadir e trespassar a montanha do medo.
Levantar o concretizar, seja dia ou luar,
mais perto é respirar no saber ter paz cedo.

II. PERTENCER

Diogo Divagações

Valerá um lugar para fora

se o lugar é o que trazemos dentro?

Constança

Eu pertenço ao cheiro da cola UHU com a qual cobria a mão,
sentada na 3ª fila da aula de
português da Professora Lourdes,
Especificamente na altura do dia em que os nós dados às cortinas se
começavam a
assemelhar a caras malformadas dignas do Picasso,
Mais especificamente quando despia a minha palma da cola e com a
massa cinzenta
pegajosa moldava toda a imaginação
Ainda mais especificamente na forma de uma bola
Se é para ser-se mesmo específico talvez era a professora Rosarinho
que dava português.
Eu pertenço ao perfume das camélias,
Especificamente quando têm as bordas a ficar castanhas - um trecho
de lua de cada vez -
quando ainda não caíram, mas certamente cairão, adicionando ao
tapete que (tal a pedra
branca da calçada) existe para nos manter humildes,
Mais especificamente na Camacha, embora as do Santo da Serra
também me acolheriam,
Ainda mais especificamente a caminho da casa da prima Vera,
Se for para ser muito específica eu chamava-a de prima Primavera.
Eu pertenço à nuca de quem me amou,
Especificamente no verão,
Mais especificamente com sono,
Para ser muito específica a ti

PERTENÇA

Eu pertenço ao calhau vulcânico
Onde o mar embrulha as pedras,
Uma e outra vez
Em ciclos de 6 horas
E mais 6 horas
Ora enchendo
Ora esvaziando
Numa espécie de movimento perpétuo
Que me traz para perto
Que me leva para longe
E às vezes empurra-me para baixo,
Para as profundezas
Para espreitar todas as formas vivas,
Redondas, geométricas e não geométricas
Que habitam o fundo do mar
Até à minha capacidade de as ver.
Eu pertenço ao lugar
Onde as pessoas têm um coração quente,
Que na palavra, gesto ou ação,
Sentimos a temperatura do coração,
Ouvimos a pulsação e o tremor das gargalhadas soltas e
despretensiosas.

O cheiro da feijoada de pota na panela da minha mãe,
Gesto singular de acolhimento de uma barriga faminta,
Que conforta mais do que aparenta ser.
Eu pertenço à floresta que me devolve o chão,
O cheiro do musgo com uma réstia de humidade
Que me escorrega sob a pele.
Eu pertenço a todas as coisas, pessoas e lugares,
Que fazem aquecer o meu coração,
Sou MAR. Sou FLORESTA. Sou AR. Sou MADEIRA. Sou
PEDRA.
Sou D'aqui e D'acolá.

Luís Ferreira

Eu pertenço à terra que me acolhe, ao mar que me chama e ao céu que me puxa, mas que nunca me consegue arrancar do chão.

Eu pertenço ao limão, com o seu cheiro cítrico, mas com o sabor de caramelo que derrete na boca.

Eu pertenço ao til, que cresce e vê crescer, mas que quer ser flor e beber dos raios de sol no jardim.

Eu pertenço à ilha, que me acolhe e repele como a maré.

Eu pertenço ao agora, porque o eu de ontem é uma memória e o eu de amanhã é uma sugestão.

Eu pertenço, eu existo, eu sou eu. Eu sou. Eu serei. Eu.

Diogo Divagações

De não ter casa
foge a visão para o longínquo acreditar
que desagua no mesmo mar
da praia na mão do recém-nascido.
Contorcem-se as crenças
nos terremotos dos sentidos
que com medo enxaguam o etéreo.

III. ESTAR SÓ

Diogo Divagações

Sento-me ao teu lado
na sala das memórias
que se fez ruína
Sento-me sempre ao teu lado
mesmo que a ruína seja eu
na sala das memórias que escureceu
Sento-me ao teu lado e pergunto:
onde foi que chegamos?
Respondes com o mesmo cândido olhar de sempre
dentro, meu amor, chegamos a nós.

Constança

Eu estou sozinha quando
Quando fecho os olhos - não
Quando enterro a cara na almofada e viro na cama - não
Quando o jato de água fria escorre cabeça abaixo - não
Quando aperto a cana do nariz, indicador e polegar num beliscão
mortífero,
uma tentativa de interromper a via expresso por onde o fio de
pensamentos pass - não

Quando passo um vídeo, depois o outro, depois outro, depois outro, e
outro, e outro, e
outro, e outro, e outro, outro, outro, outro, outro, outro, outro, outro,
out-, out-, out-,
ou-ou-ou-ou-ou-ou- venho acima apanhar ar - estou sozinha?
Não.

Nem quando durmo
Não quando choro
Especialmente quando choro
Especialmente se choro perto de um espelho
Pensei que talvez em grupo
Uma vez pareceu-me que sim no carro,
Mas foi apenas distração
Olho por cima do ombro,
Oíço o que haveriam de dizer,
Haveria de dizer,
O que digo.
Faz-me falta estar sozinha quando durmo.

Luís Ferreira

Eu estou sozinho quando me olho ao espelho,
Quando vejo o meu reflexo,
Quando vejo os meus olhos e finalmente percebo que neles já não
existe a mesma felicidade que antes existia.
Na verdade, eu vejo a máscara que foi criada com cuidado nestes
anos que carrego,
Esta máscara que foi feita para acolher,
Mas não para ser acolhida.

Porquê? Diz-me porquê!
Eu quero saber a razão do porquê,
Eu quero saber o porquê de não me ouvires,
O porquê de eu não ser o suficiente.
Sou suficiente?
Eu já gritei as minhas razões antes, mas parece que estou por baixo
de água.
Eu já gritei e não quero mais.

Eu sei que não estou sozinho,
Mas não é dessa forma que eu me sinto.
Foram preciso cartas para quebrar esta ilusão de solidão.
As cartas não duraram,
Foram passageiras,
Quer por minha culpa, por tua ou nossa.
Não importa, elas já passaram e eu voltei a ficar sozinho.
Ou talvez não,
Eu acabei por vos conhecer,
Pessoas vindas de longe,
Pessoas a quem só ouvi a voz, mas nunca lhes toquei.
De alguma forma, com vocês eu já não sou só.

José Luís

Transmission.

Envelhecendo sós

Fios brancos caídos sobre cabeças tombadas.

Um em cada banco numa urgência de ocupar todo o espaço.

Têm o mundo por fronteira e dor sobre os ombros que os tornam

capazes de se

erguerem...

Não se contemplam,

Não ousam buscar olhares...

Porque vazios...

Em cada banco caídos.

SOLIDÃO

Eu estou só, quando o chão foge-me entre os pés.

A cabeça vagueia entre os pensamentos, assume o comando para a trajetória do

corpo no tempo e no espaço.

Eu estou só, quando a cidade dorme e o silêncio permite-me ouvir todos os ruídos do

que habitam o meu corpo, dos pés até à cabeça, percorrendo todas as entranhas.

Enquanto estou só, observo os traços da montanha, reparo nas cores, nas curvas, e

nos cheiros a perfume fresco, construídas com as mãos áridas de UM Homem SÓ.

Vislumbro as canoas no balanço das ondas

E com elas também quero ir

Por esse mar adentro.

Simplemente deixar a minha pele absorver o que me rodeia, cravada com água

húmida e sal.

Deixar entrar o sol até ao meu íntimo

Para que este tempo de estar e ser SÓ, ganhe novas cores e aromas.

À medida que o tempo passa, nasce a certeza, de que o único lugar onde

permanecemos é nesse interior solitário que é de todas as cores.

Também estou SÓ, quando no meio da multidão...

Sinto uma espécie de anestesia que me impede de decifrar todo o excesso de ruído

que me invade de surpresa.

A solidão não é mais do que pertencer a si mesma.

Diogo Divagações

Um dos problemas da vida é querer um
algo contínuo num algo sempre em
mudança

IV. SAUDADE

Diogo Divagações

Não me encontram despedaçado por aí.

Antes me encontrasse eu, a suspirar, pelas avenidas da infância
que em tom de lembrança me despertavam para a sanidade.

Não me encontro completo por aqui.

Antes me encontrassem vós, a saltitar, pelos túneis repletos de
sonho que em tom superação me orientavam para a salubridade.

Não sou quem se encontra ou quem encontra
poderei vez alguma ser quem desmonta a organização
mecânica do sentir

Na vaga rotineira da decadência observo
na decadente absorvo

na que se renova constato

Em todo o lado o perder(-me) é só mais encontrar.

Luís Ferreira

Tu, tu és saudade, só de pensar em ti eu sinto a garganta apertada.
Eu mudei, não... eu melhorei por causa de ti, sem que soubesses o
porquê.

Eu sinto a tua falta,
Do teu cheiro a café nas manhãs,
Do teu riso à tarde.
Que saudade.

Constança

Saudade é

saber

“Cofia, eu minto” e ainda assim

livramento

Assunção Varela

A saudade é um pai longe que levou uma maçã para o além.

A saudade não nada mais em mares obscenos onde poderíamos
perfeitamente nos perder com uma água que salpica no horizonte

Diogo Divagações

eu dizia que um silêncio podia durar
ela dizia silêncio
os silêncios acabaram a ficar
agora somos algum ruído,
que se abraça
ela diz que é cinema
eu digo poesia
ela é silêncio poético
eu cinema em sala vazia

V. QUEM PARTIU

Diogo Divagações

continuamente

Vai com o vento o tempo...

ao relento é lento o momento.

Corre por dentro do sentimento

o ar que rompe o alento.

Rápida é a vida imprudente que deixa marcas de golpes à
tangente.

Fustigante é esquecer que 'para sempre' é tão hoje como
inexistente.

Assunção Varela

Um pai sagrado enaltece as noites de silêncio onde perder é ouvir simplesmente os melros a chilrear enfeitados com seu bico amarelo-caça-pão. A mala pequena que era do meu pai ainda é usada. Sinto-me feliz quando viajo e levo essa mala. É como se ele fosse comigo. Isto parece clichê mas quem é que não pensa numa mala existente que era de uma pessoa amada e que nos acompanha em viagens? Olá, pai num coração que bombeava vida: estar é uma coisa que só cabe na pessoa. E depois ela vai-se. E depois vamos nós. E depois restará nada. E depois o Mundo vai arder todo e toda a poesia será cinza. E nunca mais vamo-nos lembrar de nós. O Universo não ficará mudo mas a gritar para cada estrela que explode. PUM!

QUEM PARTIU

Quem partiu levava um cobertor numa mala de pequena

Tinha tanto frio, que cobriu a nuca toda.

Levou-o com o coração.

Era o cobertor dos aromas, da temperatura, do quarto pequeno.

Amigo dos sonhos,

Do aconchego,

Mesmo quando presença era ausência.

O cobertor partiu.

Partiu e lá ficou.

Foi de barco a dançar aos remoinhos.

Perdeu-se na maré, e na saudade, de ter sido o cobertor que já não é.

Era só 1

1 Cobertor e nada mais.

UM cobertor do quarto pequeno, rosa e cheio de buracos criados

pelo movimento

repetido de puxar bocados de lã.

O cobertor partiu e levou a inocência da miúda que explora o mundo

pela primeira vez,

com um sorriso escancarado nas ventas,

A soletrar palavras,

A conjugar verbos.

O cobertor levou a humidade das lágrimas da miúda e o sorriso escancarado.

Partiu sem destino.

Partiu sem nome.

Levou o coração da miúda pequena,

Num barco,

Na mala pequena,

Para viver um sonho com o coração.

Constança

Alguém Partiu
Foi o que me disseram,
eu ouvi!
No café da rua não se fala d'outra coisa.
A porta rangeu, o gato miou,
Uma dúzia
De degraus em
Serpentina cantaram
Em surdina,
Entredentes.
Quando foram ver,
No quarto pequeno já só jazia o colchão
Disseram “de barco!”
Mas era muito longe,
Só podia de avião.
“Naquela altura?”
“Já havia?”
Não sei, mas é o que me diz o coração.
“Teve medo?”
“Hesitou?”
“Certamente sentiu muita emoção”
Sim,
Claro,
Talvez,
Na mala pequena levava mais que a certidão,
Mais do que o livro,
O vestido,
O dedal,
A agulha,
E o fio de algodão.
Levava sonhos,
Até esperança,
Um contrato só por ela assinado
Que só ela sabe que regeu

“Mas ela volta! Tem que voltar!”
“E se sentir saudade?”

“Uma visita, sabe a nada”

Nós esperamos mas já ouvi dizer,

O noivo disse-lhe

“Não voltas ao Brasil sem estar casada.”

O Mar

Eu hoje atirei um anel ao mar

“Atirei” não é a palavra

Joguei um anel ao mar,

Ia deslocando o ombro

Para me certificar

Que via, sem sombra de dúvida,

O ramo de espuma branca a erguer-se do cobalto.

A pedra

Como um olho de peixe

reluzia no ar,

A banda dourada

Ergueu a sobrancelha

Mas tarde demais

Senti o cilindro prateado a passar pelos meus dedos

Sabia que não o ia ver mais

“Agradece”

Disse-me a Inês.

Obrigada sim

Mas obrigada antes ao mar

Que o engoliu

E com ele

Levou para as profundezas o que me impedia

De quebrar a tensão superficial

Para engolir uma bela lufada de ar salgado

Dentro do mar

O tremor de terra soa a zumbido

Os cacos são relíquias,

Tesouros pincelados pela luz fraturada

Talvez um caranguejo recolha o meu anel

Talvez alguém de máscara e barbatanas

O recolha como uma herança naufraga

Talvez a minha avó já tenha atirado um anel ao mar.

Diogo Divagações

No breu do oceano
onde repousa a viagem
situam-se as linhas d'encontro
que a partida traz
Descolamos
ainda que o meu corpo tenha ficado
no teu corpo
ainda que tenha ficado no teu colo
ainda que tenha partido para saber o ficar
Há um tempo que norteia
Há um sempre que clareia
Há um querer que presenteia
Há um sonhar que lisonjeia
a esperança
a aventura
Vou
porque talvez só me dê à vida
quando sei que fico

VI. MAR

Assunção Varela

O mar é um poema do vazio de tão cheio que é. As ondas são como a morte: vêm com força e vida mas depois acaba por findar no calhau. Tal como nós. Com nossas cinzas no alto mar. Viver dele. Mergulhar nele. Acabar nele. O sal da língua. Língua salgada depois de um mergulho (im)possível.

O mar é um poema do vazio: bêbedo do azul marinho, das conchas rosadas, da sombra-céu que existe.

O mar é um poema do vazio. E nele cabe lá tudo. O Mundo inteiro nos nossos olhos. Somos abençoados por ver o sol a brindar o mar. Estamos vivos e somos felizes.

O poema do vazio, na verdade é a rua deserta, a esplanada deserta, o autocarro deserto. People are strange when you're a stranger. As pessoas borram a cidade com a pressa de ir para o emprego, de ir ao supermercado, ou ao ginásio. Mas poemas vazios. Eles enchem o que de fundo temos nós: a solidão citadina.

Natércia Kuprian

MAR

Traz e leva

Dá e tira

Rompe e afunda

Arranca com força fugaz

Não pára

Não se cansa

O mar cheira

O mar canta

Encanta

Faz agitar a voz muda de quem partiu.

Não dá tréguas.

É soberano

0 mar

0 m

O ma

O mar

O maaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

Faz estremecer as entranhas do poeta.

É ir e voltar com sabor a sal.

José Luís

Diz-me

Diz-me enquanto me revolves por dentro e por inteiro
que o porto será de águas mansas...

Que o vento será leve brisa nos lábios de um marinheiro
e que lançadas amarras,
A tempestade será inócua.

Constança

Se

A enxaqueca não consegue decidir se quer pressionar o meu tímpano
esquerdo

Ou a têmpora direita

Os olhos pesam

Ainda estou a tirar crostas entre as pestanas.

Vejo o ecrã

Observo o ecrã, aquilo é um “S” ou um “8”? Trago meias
suficientes?

Espero que tenha lugar à janela

Pelo menos no corredor

Ninguém gosta de se sentir enalhado.

Se o mar falasse ele poderia dizer-me

O que pensa ele

De todos os segredos que lhe trago

Ao invés

Do embalo,

Compassado e ironicamente seco,

Que recebo quando lhe digo

Entre bolhas,

Num suspiro aquático,

Água até às pálpebras,

“Ó,

Aconteceu outra vez”

Uma vez voltei atrás

Porque me esqueci de fechar o portão da garagem.

Na via rápida passei,

Devagarinho,

Por uma colisão.

Diogo Divagações

Nunca mais se vê nada pela primeira vez
Um navio rompe a paz
viaja devagar
A lua cheia de presente deslumbra
a respiração
os risos e os gritos no quarto
e a paz pedida dentro
para a tranquilidade desejada
Na noite fica a súplica
no olhar a prece
no centro o amor que se adorna
não só em esperança
em espera e acreditar
É ainda cedo para a vida a fazer-se
é caminho certo o esclarecer-se
o revelar
Na pressa do parar
a ânsia
disforme feita
presente
solene feita
mensagem
A espera não espera
faz-se
Ser
Olho a minha depressão
em pauta dissonante
mergulho
ver o horizonte
em queda
suplanta o etéreo

VII. VOLTAR

Diogo Divagações

De costas para o mar observo a natureza
verdejante que contrasta com o conduzir
rápido
no entanto é o tempo
mais lento
o passo mais calmo
a noção do serenar
A água que circunda o espaço
apaziguada
ilude a ilusão de distância
Tudo é perto
mas o que está? o que é estar?
Um corpo é só um palco de vivência
e a vida é a cena que se desenrola
a compreender o seu guião
A atenção dada ao estar presente parece-me maior, parece genuína,
mesmo neste
emaranhado de negócio

Diogo Divagações

Deixa a cidade
muralhada
ao longe clamar por ti
na espera certa
da partida
Deixa o sempre
ecoar o vislumbre

secular
da experiência
Hoje é todo o tempo

Diogo Divagações

A estrada serpenteia para lugar incógnito
e curva-se perante a vida
Há uma linha que sobeja
segurança
outra desafia o acreditar
Pouco é o caminho que se desvenda
imediato - se se desconcentra
Longe é o caminho que se esventra
se concentra e se dá - a si - a conhecer
Estar sempre a chegar é solenidade em atenção

Natércia Kuprian

SE EU PUDESSE VOLTAR ATRÁS

Não mudaria nada.

Tudo está bem como é.

Foi preciso ser assim.

Todas as situações passadas são o polimento para a vida.

Como bons marinheiros que somos, perdemos o mastro uma e outra vez.

Diogo Divagações

Gostava de me cremar

E

pegar

o meu próprio pote de cinzas

Atirar-me ao vento

Saber por dentro do existir que partir a ficar é alento

Saber por me permitir

partir as paredes do medo -

suplantar a existência

E

num laivo de cura, renascer

Diogo Divagações

O tempo corre mais rápido do que o previsto
o imprevisto é sempre superador da expectativa
e ela senta-se com a delicadeza de um terramoto
que nos devolve a noção
da impotência perante a força da natureza
A vida respira neste segundo de início/fim

Diogo Divagações

Há continuar no que fica?
Se uma folha dança da árvore
até ao chão
- quando o alcança -
finda?

É o movimento um lugar isolado? Fechado? Finito?
Quanto se revolve (a)o existir?
Quanto existir tem para ser revoltoso?

ENSINA-NOS A VIDA

ganha-se mais da surpresa do que da expectativa
tu olhas pra mim
com os olhos de antes
e eu sou
tão presente como o futuro
que acaba

Tendemos a ficar mais quietos ao envelhecer
- será isto o preparo da morte?

Um lugar paraíso provisório que estabelece o ritmo para o devir?

AUTORES E PARTICIPANTES

Diogo Divagações

Ana Oliveira

Constança

Natércia Kuprian

Luís Ferreira

José Luís

Assunção Varela

CONTEXTO

O processo de criação de CINZAS, PÓ E MAR decorreu na Madeira, em 2026, integrando momentos de escrita, escuta, recolha e encontro com participantes e comunidades locais.

Parte deste processo decorreu no Estúdio de Criação Artística do Funchal, no Largo do Corpo Santo, em março de 2026.

AGRADECIMENTOS

Município do Funchal

Estúdio de Criação Artística do Funchal

Teatro Municipal Baltazar Dias

Contigo Teatro

Casa do Povo do Monte

Junta de Freguesia do Curral das Freiras